

SOCIEDADE

De acordo com a Organização Mundial da Saúde

Mortalidade infantil reduz para metade no país

O nosso país tem o 22º mais elevado índice de mortalidade de crianças até cinco anos no mundo

A taxa de mortalidade de menores de cinco anos baixou de 201 mortes por 1 000 nados vivos em 1997 (IDS) para 141 em 2008, no país, de acordo com os últimos dados disponibilizados pela Organização Mundial da Saúde.

Esta redução da mortalidade infanto-juvenil, na última década, foi possível graças ao aumento da cobertura de algumas intervenções básicas para a saúde da mãe e da criança, como, por exemplo, vacinas, medidas profiláticas como uso de redes mosquiteiras e cuidados pré-natais.

Em particular, as melhorias foram impulsionadas por uma redução nas taxas de mortalidade nas áreas rurais, onde a taxa de mortalidade de menores de cinco



Margaret Chan, directora-geral da OMS

anos desceu de 237 óbitos por 1 000 nados vivos em 2003 para 164 em 2008. No entanto, continuam a existir grandes disparidades geográficas. As crianças em Zambézia, por exemplo, têm a probabilidade quase duas vezes maior de morrer antes de atingirem os cinco anos de idade do que as crianças na cidade de Maputo.

A pesar deste progresso, Moçambique possui o 22º mais elevado índice de mortalidade de crianças até cinco anos no mundo e, infelizmente, ainda hoje um em sete nados vivos morre antes do seu quinto aniversário de vida.

A maioria das mortes em crianças menores de cinco anos tem sido devido a um pequeno número de problemas comuns, evitáveis e tratáveis, tais como malária, condições neonatais, infecções respiratórias agudas do tracto respiratório inferior (broncopneumonias e pneumonias), infecção por HIV, doenças intestinais infecciosas ocorrendo isoladamente ou em combinação. Mas a desnutrição continua a ser o principal problema.

Muitas dessas doenças podem ser evitadas investindo-se ainda mas num sistema de saúde efi-

caz e capaz de garantir o acesso às medidas básicas de prevenção e tratamento das doenças mais comuns, assim como na educação sanitária, higiene e nutrição das comunidades. Em particular, para o país atingir o Objectivo de Desenvolvimento do Milénio Nº.4, é preciso um esforço comum em aumentar rapidamente alguns indicadores-chave de cobertura, nomeadamente, o parto institucional, os cuidados pós-natal, amamentação exclusiva e o acesso atempado a tratamentos apropriados para malária, diarreias e infecções respiratórias.

Como em muitos outros países em África, a redução da taxa de mortalidade neonatal (TMN-taxa de mortalidade de crianças entre 0 e 28 dias) em Moçambique tem sido muito mais lenta que a redução da taxa de mortalidade de menores de cinco anos, com uma redução média anual de 1,4 por cento por ano durante o período entre 1990 e 2008. Como consequência, a mortalidade neonatal ainda é responsável por mais de um terço das mortes infantis em Moçambique.

SITUAÇÃO NA ÁFRICA SUB-SAHARIANA

O número de crianças meno-

res de cinco anos que morrem, a cada ano, reduziu de mais de 12 milhões em 1990 para 7,6 milhões em 2010, disseram ontem o UNICEF e a Organização Mundial da Saúde, ao apresentarem as últimas estimativas da mortalidade infantil em todo o mundo. Estes dados mostram que, em comparação com o que ocorria em 1990, cerca de mais de 12 000 crianças são salvas todos os dias.

Um relatório anual sobre a mortalidade infantil constatou que, na África Sub-sahariana - região com o maior número de mortes de menores de cinco anos no mundo -, o ritmo com que se reduziu a taxa de mortalidade de menores de cinco anos duplicou, de 1,2 por cento ao ano, de 1990 a 2000, para 2,4 por cento ao ano de 2000 a 2010.

De 1990 a 2010, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos diminuiu mais de um terço, de 88 mortes por 1 000 nados vivos para 57.

Infelizmente, esta taxa de progresso ainda é insuficiente para alcançar o Objectivo de Desenvolvimento do Milénio 4 (ODM 4), que apela a uma redução de dois terços na taxa de mortalidade em menores de cinco anos até 2015. ■

Pessoas desaparecem à procura de refúgio

Mohidin Adam Ibrahim, 27 anos de idade, chegou ao campo de refugiados de Maratane, na província de Nampula, em Fevereiro de 2010, mas está ainda à espera de uma decisão sobre o seu estatuto de refugiado. Ibrahim fala de pessoas que não conseguiram completar a viagem até Moçambique.

"Eu tinha uma pequena farma onde plantava coisas para vender na minha loja, em Mogadísio. A polícia queria comprar a minha loja, mas o Al-Shabab (grupo rebelde) dizia que eu era um espíaco do governo e iria matar-me. Eles levaram-me para a prisão, onde fiquei durante 33 dias, até que as forças governamentais atacaram o lugar e eu aproveitei para fugir. Eu sabia que eles iam matar-me se não abandonasse o país", disse Ibrahim, citado pela AIM.

"Deixei a minha esposa, os meus dois filhos, fui para Kismayo e escondi-me lá durante 12 dias. Depois, atravessei a fronteira para o Quênia, mas não fui para o campo de refugiados, porque o Al-Shabab podia estar lá. Fui a Mombasa, e disse ao traficante de pessoas que tinha 300 dólares americanos para viajar de barco para Moçambique."

"Preferimos vir por mar. É mais rápido, porque não há postos de controlo policial. Sabemos que é perigoso, mas na nossa religião acreditamos que quem morre no mar vai directamente para o céu", disse Ibrahim.

"Havia dois barcos transportando 500 pessoas cada, entre etíopes e somalis. Eles deixaram-nos perto de Mtwara (na fronteira entre Tanzânia e Moçambique) e nós demos algu-

mas roupas e dinheiro a alguns pescadores para nos ajudarem a atravessar o rio. Muitos entre nós não sabiam nadar e dois afogaram-se no rio. Muita gente perde-se a caminho daqui".

"Levei cerca de uma semana de caminho até à fronteira. Em Palma (Moçambique), ficámos num campo atrás de uma esquadra da polícia. A polícia arrancou-nos os telemóveis e depois começámos a vender as nossas roupas para sobreviver, até nos transportarem para Maratane."

"Eu estou em contacto com alguns dos somalis que já partiram daqui para a África do Sul. Eles dizem que a África do Sul já não admite mais somalis. Eu estou aqui à procura de legalizar a minha estadia num outro país logo que consiga o meu estatuto de refugiado", disse Ibrahim. ■

Mudança do estado de tempo no Sul do país

A zona Sul de Moçambique está a registar uma mudança no estado do tempo, situação que se deve à persistência da zona de baixas pressões sobre as províncias de Gaza e Inhambane, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INAM).

O mau tempo, segundo a AIM, está a ser caracterizado por tempo quente e húmido (temperatura máxima entre 35 e 40 graus Celsius), aguaceiros ou chuvas em regime fraco (menos de 10 mm de precipitação acumulada em 24 horas) e ventos moderados a fortes (30 a 70 quilómetros por hora) acompanhados de trovoadas. Esta situação vai fazer-se sentir nos distritos de Moamba e Magude, na província de Maputo; Chókówè, Guijá, Mabalane, Massingir, Chicualacuala, Chigubo e Massangana, em Gaza; bem como Homoine, Jangamo, Inharrime, Panda e Funhalouro, em Inhambane. Enquanto isso, prevê-se uma descida de temperatura nos distritos das províncias de Maputo e Gaza localizados ao longo da faixa costeira. Nestes locais, os termómetros poderão registar máximas entre 25 e 28 graus Celsius.

Prevê-se ainda que o mesmo sistema afecte o extremo Sul da província de Manica, Centro do país, concretamente os distritos de Machaze e Mossurize.